

A literatura pela linguagem da memória

Eliane Gonçalves da Costa
Ailton Pereira Morila

8

Resumo: Nosso trabalho tem por objetivo analisar a relação entre literatura e memória – discutindo os conceitos de autobiografia, auto-retrato e autografia. Por meio da escrita do poeta Manoel de Barros, no livro *Memórias Inventadas – a infância* (2003) esses conceitos são misturados e ressignificados na medida em que o escritor brinca com a memória tomando-a como invenção para descrever sua infância. Para tanto, dialogaremos com as reflexões de Antônio Cândido (1989) sobre as autobiografias poéticas e ficcionais e trataremos a memória enquanto uma forma literária que recorta e seleciona uma verdade passível de ser contada. Este trabalho de Manoel de Barros é organizado em encartes, imitando um diário de folhas soltas – a infância é descrita como um tempo constante no qual a poesia é o espaço da criação e a memória uma caixa de invenção.

Palavras-chave: Literatura, Memória, Autobiografia, Auto-retrato, Manoel de Barros.

Literature by language of memory

Abstract: Our work aims to analyze the relationship between literature and memory - whose discussion brings the concepts of autobiography, self-portrait and autography. From the writing of the poet Manoel de Barros, in the book *Memórias Inventadas – a infância* (2003). These concepts are mixed and (re)signified as the writer plays with the memory, taking it such as invention to describe his childhood. To do so, we will dialogue with the reflections of Antônio Cândido (1989) on poetic and fictional autobiographies and treat memory as a literary form that cuts and selects a truth that can be counted. His work to Manoel de Barros is organized in inserts, imitating a loose-leaves diary – childhood is described as a constant time in which poetry is the space of creation and memory a box of invention.

Palavras-chave: Literature, Memory, Autobiography, Self- portatrit, Manoel de Barros.

Considerações Iniciais

*Tudo o que não invento é falso
(Manoel de Barros)*

Lembrar e esquecer. Esquecer ou lembrar? O homem sempre utilizou da memória para salvar-se da idéia de se saber finito. Desde criança, ainda sem percepção do todo, guardamos na memória os fatos que nos auxiliam na constituição do sujeito, seus gostos, prazeres e medos. Na Grécia antiga, de acordo com o dicionário de mitos de Pierre Grimmel (2005), Mnemosine, a deusa da memória, era filha de Urano e Geia. Uma das seis Titânides pela qual Zeus apaixonou-se, levando-a para Piéria, onde passou nove noites de amor e teve nove filhas, nove musas, que inspiravam os poetas e os literatos em geral.



Na Trácia havia defronte do oráculo de Trofônio duas fontes, uma dedicada a Mnemosine e outra a Lete, deusa do esquecimento. O consulente deveria, após consultar o oráculo, escolher em qual das fontes beberia, dessa forma, optava pela memória de longa duração ou o esquecimento.

A memória enquanto uma forma literária propõe um diálogo com a ausência de forma peculiar, pois baseia-se num passado real e recuperável para o qual se volta. Se o passado é mais real que o presente, mais sólido, é porque é também mais verdadeiro. Desta forma a memória supõe que a verdade pode ser conhecida e, sobretudo, contada.

O presente artigo analisa as relações entre literatura e memória – discutindo os conceitos de autobiografia, auto-retratado e autografia, tomando a poesia de Manoel de Barros, como base para compreender as similitudes e divergências entre os conceitos. Pela afirmativa de invenção de suas memórias, o poeta mato-grossense, ressignifica a infância pelo recorte cuidadoso de uma memória criadora e poética. Para o crítico e ensaísta Otavio Paz (1993, p. 11), as palavras ver e crer juntam-se para revelar,

o segredo da poesia e de seus testemunhos: aquilo que nos mostra o poema não vemos como nossos olhos da matéria, e sim com os do espírito. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo.

A poesia é assim um espaço de invenção e ao ser narrada pela memória amalgama-se a dualidade passado-presente criando um elo com o leitor pela sentença presentificadora do “era uma vez”.

Memórias de um poeta inventor: Manoel de Barros.

Toda memória fala primeiramente de uma ausência. Fala daquilo que não é mais, do tempo perdido. Mas se ela se volta sobre o vazio, o encara, é na tentativa de preenchê-lo: por isso a memória é recuperar, reencontrar, recordar. No livro de Manoel de Barros (2003), **Memórias Inventadas: A infância**, publicado pela editora Planeta, feito de encartes e sem paginação, lembrando um diário ou caderno de anotações, temos a infância contada



através da memória. O poeta muitas vezes coloca seu texto como um autorretrato, mas também, com a possibilidade de pensarmos o exercício, por parte do autor, da autografia, visto que há uma forte tendência a anular a figura do escritor. Neste primeiro livro da trilogia da infância do poeta, a memória poderia ser algo da ordem da descoberta, da recuperação, da rememoração, em suma, algo da ordem do não-inventado, da des-invenção.

A epígrafe, *Tudo o que não invento é falso*, pode ser vista como um primeiro invento da memória, um pensamento infantil que faz um pacto com o absurdo: invenção como condição de verdade. A sentença significa, então, que não há nada verdadeiro que não seja inventado, ou que só pode existir a verdade quando há invenção. O que não significa que toda invenção seja verdadeira, mas significa, diferentemente, que sem invenção não há verdade.

Bem antes de nosso poeta pantaneiro, Gustave Flaubert (2003, p.278) também brincava com a memória e seu poder de criação, em seu célebre romance *Madame Bovary*, alerta a personagem Emma Bovary de que *Tudo o que se inventa é verdadeiro, esteja certo*. Dessa forma, o famoso escritor do realismo francês sugere que a invenção é baseada na realidade.

E o real é inventado e particular. A narrativa poderá ser considerada “verdadeira” a partir do prisma fundamental da memória que está relacionado com as variáveis tempo e espaço. Ele funciona sob o paradigma de uma oposição que poderia ser representada pelo par “aqui-lá”, ao qual se articulam outras posições, sendo as mais importantes os pares “presente-passado” e “lembrar-esquecer”, ou seria apenas uma seleção entre o esquecer e o como lembrar?

Para Platão (2004) a memória era constituída por dois momentos: o primeiro, memória retentiva ou de conservação de sensações, caracterizado pela conservação de conhecimentos passados e o outro, de memória como recordação, reminiscência que consiste na possibilidade de evocar esse conhecimento passado e atualizá-lo, tornando-o presente.

Aristóteles (2004), ao pensar o papel da memória na representação, diz que a permanência em nós de algo semelhante a uma marca ou a uma pintura que nos faz lembrar o que não está presente e não só a presença da própria



marca é como um animal pintado num quadro que é ao mesmo tempo animal e imagem, mesmo que o ser dessas coisas, como é o caso, não seja o mesmo. Da mesma maneira, a imagem marcada em nós tanto é um objeto em si como é também representação de alguma outra coisa que não tem nenhuma relação intrínseca necessariamente motivada com o objeto que a representa.

Desse modo, sobressai o papel que a memória tem no complexo processo da representação, tanto do ponto de vista literário, como de ponto de vista da linguagem humana, em geral, e nos seus mecanismos semânticos de produção de significados. É pela memória que se automatizam as regras e as convenções que permitem o amplo e intrincado fenômeno da significação no uso das línguas naturais pela associação de sinais físicos - sonoros ou gráficos - a significados de coisas, estados e processos no mundo.

A semantização da linguagem dá-se por este jogo de lembrança-esquecimento, de presente-passado, de aqui-lá que constitui, nesse sentido, não apenas o paradigma de oposições que estrutura a memória, mas que, na verdade, é por ela estruturado como condição essencial do ato de dizer e de significar, tanto nas suas explicitudes como nos implícitos próprios do não dito e nos infinitos jogos de preenchimento de lacunas que entretecem os diálogos e as interlocuções de que se faz o uso efetivo da linguagem humana.

Retomemos nossa pergunta inicial e acrescentemos novas reflexões. Esquecer ou lembrar? Como selecionar esquecimentos e lembranças? Em nosso tempo não é possível bebermos nas fontes do oráculo, e se fosse qual água beberíamos? Como saber se a escolha foi certa? A questão se mantém pelos tempos e Freud (1987, p. 55), muito tempo depois dos gregos, afirma que

o recordar, nos adultos, sabidamente utiliza diversos materiais psíquicos. Alguns recordam em imagens visuais; suas lembranças têm um caráter visual. Outros mal conseguem reproduzir na lembrança os mais vagos contornos visuais do que foi vivenciado. Nos sonhos, essas diferenças desaparecem? Todos sonhamos predominantemente em imagens visuais. Mas esse desenvolvimento se inverte igualmente no caso das lembranças infantis: estas são plasticamente visuais, mesmo nas pessoas cujo recordar posterior carece de elementos visuais. O recordar visual, conseqüentemente, preserva o tipo de recordar infantil.



O recordar infantil é plasticamente visual e, no jogo presente-passado, a que se remete? Esta questão será respondida pelos estudos da psicanálise, pois ainda segundo Freud (1985), não há linearidade temporal possível quando o sujeito busca na memória a repetição. A memória não é uma evocação, é sobretudo uma ação, que na poética de Manoel de Barros expressa-se como ato.

AUTO-RETRATO

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que
 não vi a hora.
 Isso faz tempo.
 Foi na beira de um rio.
 Depois eu já morri 14 vezes.
 Só falta a última.
 Escrevi 14 livros
 E deles estou livrado.
 São todos repetições do primeiro.
 (Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim),
 já plantei dezoito árvores, mas pode que só quatro.
 Em pensamento e palavras namorei noventa moças,
 mas pode que nove.
 Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze.
 Cito os mais bolinados: um alicate cremoso, um
 abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios,
 um prego que farfalha, um parafuso de veludo etc, etc.
 Tenho uma confissão: noventa por cento do que
 escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira.
 Quero morrer no barranco de um rio: - sem moscas
 na boca descampada!

Do ponto de vista da teoria literária, o auto-retrato mostra um eu que se escreve e deixa de lado o autor como pessoa física que se propôs a escrever sobre si. Num discurso introspectivo, aborda as faces do eu, seu mundo e como esse se inscreve na obra e é apresentado ao leitor. Apresenta um sujeito que se constrói pelo imaginário, em que o eu é sem temporalidade, acronológico, descontínuo, narra o que se é através de fragmentos, recortes, colagens, mostrando um discurso capaz de preencher lacunas através de escolhas, no caso, as subjetivas da memória.

Esse diálogo com a ausência não é, de forma alguma, exclusivo ao texto de memórias. Toda literatura poderia ser representada desta forma: ela também cria, povoa, preenche. No entanto, a memória, enquanto uma forma literária, propõe um diálogo com a ausência de forma peculiar, pois baseia-se



num passado real e recuperável para o qual se volta. Se o passado é mais real que o presente, mais sólido, é também mais verdadeiro. Assim, a memória supõe que a verdade pode ser conhecida e, sobretudo, contada.

Manoel afirma em várias passagens, não apenas nesta obra, como em outros textos de sua autoria, a idéia de que tudo o que “não inventa é falso”. Assim, *Manoel por Manoel*, texto que abre o livro em questão, seria um dos indícios dessa invenção da memória, ou como nas palavras de Genette (1984, p.836), uma narrativa ficcional desejada por um ser de papel, um sujeito imaginário. O texto do poeta descortina ele por ele mesmo, desconstruindo a imagem do homem Manoel de Barros, apresentando dois outros: Manoel, o poeta e Manoel, a personagem.

MANOEL POR MANOEL

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em de vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que era pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (encarte Manoel)

O mundo do poeta nos é passado pela memória, algo da ordem da descoberta, da recuperação, da rememoração, em suma, algo da ordem do não inventado, da des-invenção. A epígrafe do livro, tudo o que não invento é falso, pode ser vista como um primeiro invento da memória, um pensamento infantil que faz um pacto com o absurdo: invenção como condição de verdade.



A sentença significa, então, que não há nada verdadeiro que não seja inventado, ou que só pode existir a verdade quando há invenção. O que não significa que toda invenção seja verdadeira, mas significa, diferentemente, que sem invenção não há verdade.

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. (encarte-Escova)

O texto de Manoel de Barros tem por base a invenção como condição de verdade, traz termos que se mostram em contradição. Dessa maneira, o poeta abre mão da metáfora e faz uso do oxímoro – figura de linguagem que eleva a metáfora a sua própria metáfora. A partir daí alguns questionamentos são relevantes para a compreensão de seu livro: É a infância que é inventada ou é a infância que inventa? Num dos encartes temos a prosa poética *Achadouros* lugar em que o adulto olha a infância e a redescobre como invenção:

(...) Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo (*Achadouros*).

O que interessa especialmente ao poeta é achar lugares onde se encontra a infância. De modo que a memória não apenas inventa, mas também encontra. Encontra o que inventa ou inventa o que encontra? Ou encontrar é um ato de invenção e só se pode encontrar o que se inventa? Teremos que dizer então tudo o que não invento não posso encontrar? Talvez também isso signifique pensar: encontrar a invenção, inventar encontros.

Em outra instância, podemos pensar ainda a memória não apenas como objeto de invenção, mas também como *achadouros*, termo que o poeta utiliza para designar lugares onde se encontra a infância. A memória é reconstrução



não apenas porque a lembrança não recupera o passado em sua totalidade, mas pelas marcas deixadas que a constituem, do mesmo modo, fonte da memória, também dão um acesso restrito a um passado incompleto, portanto passível de ser recriado. Seguindo sua busca pelos *achadouros*, o poeta traz um menino (re) inventado pelas palavras da avó e do amigo. Nesse lugar de (re) criação, a memória é acionada como ato e *cabeludinho*, vestido de ateu, não *disilimina* ninguém, inventado e recriado pelo verbo inventado e pela preposição deslocada.

CABELUDINHO

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regência verbais. Ela falava sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve/ que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

Tal re-criação é capaz de montar uma espécie de diário infantil, com fotos escolhidas e pensamentos amarelados que constituem um delicado trabalho de linguagem no qual encontramos nas memórias não apenas a infância do poeta, mas uma infância universalizada num auto-retrato que remete à nossa.

Em entrevista concedida à Folha de São Paulo (14/11/2005), a escritora mineira Adélia Prado, ao ser questionada sobre uma série de elementos autobiográficos de livro, *Quero Minha Mãe*, diz que a ficção nasce a partir das



experiências, dos fenômenos experimentados na sua própria vida. No encarte sobre sucatas, o poeta lembra uma de suas primeiras visitas a cidade.

Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa historia. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra.(...) Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da historia.

Podemos afirmar que o livro de Manoel de Barros não é memorialista, nem autobiográfico, num sentido lato, e mesmo que fizéssemos uma leitura por este caminho, precisaríamos considerar algumas reflexões importantes como as de Antônio Cândido(1989) sobre as autobiografias poéticas e ficcionais, em que temos a definição de que mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em partes como se fossem produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico.

Considerações Finais

Por meio da forma literária, tudo pode ser dito e tudo fica protegido. Com essas palavras, reafirmamos a epígrafe de Flaubert e a contra capa do livro de Manoel de Barros: Tudo que não invento é falso. Portanto, a memória protege dizendo tudo através da literatura, que sendo invenção protege a memória, não apenas do que se é, mas também do que se deseja ser.

O poeta Manoel de Barros terá sempre oitenta e cinco anos. O poeta nasceu aos treze, como afirma em seu poema auto-retrato do livro *Ensaio Fotográficos* (2000, p,3), ao passo que o menino Manoel de Barros, no encarte *Fraseador*, queria e sempre será um fazedor de frases

não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: mas esse tal fraseador bota mantimento em casa? Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de



variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada.

Nesta biografia inventada pelo próprio poeta nos deliciamos com a leitura de uma infância eternizada, não como resistência ao mundo adulto, mas como um convite das musas, pelas suas mãos podemos escolher, aleatoriamente, na caixa de infâncias de Manoel de Barros relembrar nossa própria infância.

Permitindo que as deusas abriguem-se e abram as janelas de nossa memória. Onde duas deusas bailam, uma esquece e a outra faz lembrar que a literatura é uma grande invenção da humanidade. Ela nos torna realmente humanos, aptos a esquecer ou lembrar de um mundo povoado de imagens inventadas e reais. A literatura é o grande oráculo.

Referências

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. **Os pensadores**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p.698-717.

BARROS, MAnoel. **Ensaaios fotográficos**. Recorde, São Paulo: 2000.

_____. **Memórias Inventadas: A infância**. Planeta, São Paulo: 2003.

CANDIDO, A. **Educação pela noite & outras noites**. Ed. Ática, São Paulo:1989.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: L&PM Pocket, 2003.

FREUD, S. **Psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GENETTE, G. **Literatura e Diferença**, Abralic: São Paulo.1994.

PAZ, O. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PLATÃO. Fédon. In: _____. **Os pensadores**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p.698-717.

PRADO, Adélia. **Quero minha mãe**. São Paulo. Record Editora, 2005.

Eliane Gonçalves da Costa

elianecoordena@gmail.com

Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEUNES-UFES). Doutora em Letras, atua nas áreas de Ensino de Literaturas Africanas e Afrodescendentes; Educação Etnicorracial, Literatura e Gênero.

18

Ailton Pereira Morila

ailton.morila@ufes.br

Doutor e mestre em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Graduado em história pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Prometheus – Núcleo de Estudos Críticos (UFES). Professor permanente do Programa de Mestrado em Ensino na Educação Básica do CEUNES-UFES.

Recebido em: 05/04/2017

Aprovado em: 15/06/2017

